

A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas

*The life of viadoplantas: whose death is it?
Towards other reconstructions of sexual dissident
and gender disobedient bodies in urban land-
scapes*

*La vida de viadoplantas: ¿de quién es la muerte?
Hacia otras reconstrucciones de cuerpos
disidentes sexuales y desobedientes de género
en paisajes urbanos*

Saile Moura Farias¹

Universidade do Estado de Santa Catarina

E-mail: sailemouraf@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7577-4102>

RESUMO:

Este artigo forja-se a partir da pesquisa de doutorado intitulada *A vida de Viadoplantas: A morte é de quem? Corporificações crítico-pedagógicas ao humano-urbano nas Artes da Cena*. Para tanto, busca-se estudos filosóficos, ético-estéticos e de redistribuição da epistemologia heterociscolonial, através tese de que corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero lidam diferentemente com as

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

paisagens urbanas, tendo como vínculo primordial a *ética bixa* e perspectivação da razão de Paco Vidarte (2019). Por meio disso, traz-se as plantas como corpos que, assim como pessoas LGBTQIAP+, estão sob instâncias de uma *exposição diferencial* (BUTLER, 2018). Propõe-se, portanto, um modo relacional de se pensar a *vida das plantas* (COCCIA, 2019) e as minorias sexuais, criando desse modo o conceito *viadoplanta* para alicerçar o *causamento* (LEAL, 2021) dessas existências na urbanidade, e, concomitantemente, na elaboração de estudos pedagógicos que a presente pesquisa desejar mobilizar.

Palavras-chave: *Estudos pedagógicos. Dissidência sexual. Desobediência de gênero. Plantas. Viadoplasmas.*

ABSTRACT:

This paper is forged from the doctoral research entitled *The life of Viadoplasmas: Whose death is it? Critical-pedagogical embodiments of the human-urban in the Performing Arts*. Therefore, a philosophical, ethical-aesthetic and redistribution studies of heterociscolonial epistemology are sought, based on the thesis that dissident sexual and gender disobedient bodies deal differently with urban landscapes, having as their primordial link the *bixa ethics* and the perspective of reason by Paco Vidarte (2019). From this, plants are brought as bodies that, like LGBTQIAP+ people, are under instances of a *differential exposure* (BUTLER, 2018). Thus, a relational way of thinking about *the life of plants* (COCCIA, 2019) and sexual minorities is proposed, thus creating the concept *viadoplanta*, to support the *causation* (LEAL, 2021) of these existences in urbanity and, concomitantly, in the elaboration of pedagogical studies that this research intends to mobilize.

Keywords: *Pedagogical studies. Sexual dissent. Gender disobedience. Plants. Viadoplasmas.*

RESUMEN:

Este artículo se fragua a partir de la investigación doctoral titulada *La vida de Viadoplasmas: ¿De quién es la muerte? Realizaciones crítico-pedagógicas de lo humano-urbano en las Artes Escénicas*. Para ello, se buscan estudios filosóficos, ético-estéticos y redistributivos de la epistemología heterociscolonial, a partir de la tesis de que los cuerpos disidentes sexuales y desobedientes al género abordan de

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplasmas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

maneira diferente los paisajes urbanos, teniendo como vínculo primordial la *ética marica* y la perspectiva de la razón de Paco Vidarte (2019). A partir de ahí, las plantas se vinculan como cuerpos que, al igual que las personas LGBTQIAP+, están bajo instancias de una *exposición diferencial* (BUTLER, 2018). Por tanto, se propone una forma relacional de pensar *la vida de las plantas* (COCCIA, 2019) y las minorías sexuales, creando así el concepto *viadoplanta*, para sustentar la *causamiento* (LEAL, 2021) de estas existencias en la urbanidad y, concomitantemente, en la elaboración de estudios pedagógicos que esta investigación pretende movilizar.

Palabras clave: *Estudios pedagógicos. Disidencia sexual. Desobediencia de género. Plantas. Viadoplasmas.*

Artigo recebido em: 12/11/2022

Artigo aprovado em: 23/01/2023

Introdução

Pensar acerca das paisagens² urbanas é refletir as construções sociais depositadas nos espaços geográficos, suas funcionalidades concernentes, e quais corpos podem estar transitando sobre as instâncias de uma segurança pública (seletiva). A importância disso, num aspecto pedagógico, confere-se tanto às ocupações realizadas por uma espécie de recriação das paisagens como também aos meios de implicação que isso pode refletir no imaginário coletivo de corpos oprimidos por espaços construídos para tal, logo que, como cita Rafael Baldin, no artigo *Sobre o conceito de paisagem geográfica*, “a paisagem, sempre socialmente construída, é edificada em torno de instituições sociais dominantes e ordenada pelo poder dessas instituições” (BALDIN, 2021, p. 13). Portanto, isso sugere que existe na paisagem urbana um arcabouço de valores que tanto suprime corpos árvores, com construções que visam o dito *progresso*³, quanto oprime o *direito de aparecer* (BUTLER, 2018) de

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplasmas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero; o que nos permite a elaboração de novas dinâmicas de intimidade com a cidade e seus agenciamentos vivos a partir de tais existências marginais.

Alicerça-se, assim, a perspectiva de que as bixas⁴ recebem as paisagens de modos distintos de pessoas que ocupam mazelas vinculadas ao poder de normatividade da sexualidade e do gênero. Visto que, estando as paisagens urbanas projetadas como uma resultante de controle social, tendo em vista a realidade de preconceitos e violências que o Brasil representa enquanto manutenção da homofobia, transfobia etc., pode-se notar, ou ao menos supor, que o estado corpóreo de atenção, intenção, circulação por entre os espaços públicos não é o mesmo para, por exemplo, uma mulher cisgênera e uma mulher transgênera, um homem hétero cisgênero e um homem cisgênero gay. Não que essa diferenciação se articule pelas singularidades dos corpos, seus processos de individuação por *hecceidade*⁵; o que se argumenta é como estão implicadas determinadas experiências cotidianas, reavendo, de modo estrito, a performance que um corpo assume quando se trata de sexualidade e de gênero.

Para tanto, parto do que Jota Mombaça (2021) desmonta quando reflete sobre o monopólio da violência, propondo uma redistribuição desta como método tanto de uma nova política do autocuidado, para nós pessoas dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, como também de uma mudança radical de percepção de si como veículo de instauração performática de um outro mundo, diferente desse que nos foi dado a conhecer (MOMBAÇA, 2021). Essa perspectiva da intelectual brasileira propõe que visualizemos a violência política, num aspecto concreto e simbólico, como um movimento que precisa ser assumido também pelos corpos oprimidos, neste caso por corpos LGBTQIAP+, considerando que deste modo

criamos modulações estratégicas de reencenação político-filosófica e de posicionamento crítico perante discursos de relação do poder colonial, neoliberal, capitalista e epistemológico centrado no “homem-de-bem”.

No documentário *Corpo: sua autobiografia*⁶, dirigido, atuado e roteirizado pela atriz Renata Carvalho, há uma cena em que ela conversa com a então deputada de São Paulo Erica Malunguinho, e nisso surge um diálogo interessante para percebermos a relação de corpos não hegemônicos nas paisagens urbanas. Trata-se de ambas conversando sobre como lidam com a passagem por feiras públicas, e o modo com que isso se apresenta em aspectos políticos de reivindicação daquele ambiente. É possível notar na fala delas que existe, explicitamente, um outro estado que ambas partilham de apropriação do espaço, de um pertencimento a quem do que se poderia ter caso fossem corpos cisnormativos, isto é, corpos que são lidos como a norma social pela ótica hegemônica e colonial de gênero.

Trago essa cena para contribuir com a reflexão do presente artigo, e trazer à tona a complexidade imanente tanto a corpos LGBTQIAP+ quanto às nossas vivências nos espaços urbanos, considerando os demarcadores de cor, etnia e gênero quando se pensa a participação nas dinâmicas sociais de uma cidade. A proposição desse recorte que reúne corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero numa reformulação ético-estética da geografia urbana, no entanto, ficará melhor delineada quando pensarmos a partir da diferenciação ética que Paco Vidarte expõe em *Ética Bixa*:

Uma ética para seres humanos, suponho, que vale em determinadas circunstâncias: não matar, não roubar e um pouco mais. Inclusive, quando alguém diz “não matar” ou “não roubar”, o que está declarando é a proibição de matar ou de roubar aos que pertencem ao grupo de quem declara tais prescrições: não matar os meus, não roubar os meus. Toda ética universal, no fundo, é absolutamente particular, é uma ética de classe, de povo escolhido, de héteros, de masculinos, de uma maioria que pretende impor uma ética parti-

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

cular – por muito majoritária que seja – a todos em seu próprio benefício e em prejuízo das maiorias que não pertençam ao seu círculo de poder [...] (VIDARTE, 2019, p. 26).

Com essa contribuição do filósofo espanhol, desenrolam-se aspectos estruturantes da tese de que corpos *viadoplantados*⁷ recebem, diferentemente, as paisagens urbanas. Se pensarmos que a ética, um discurso que consideravelmente atravessa a moralidade do imaginário social, possui um viés representativo que recorta a universalidade do que se entende por ética, faz-se urgente reivindicar também outras modalidades que intuem uma perspectiva generalista.

Trata-se de entendermos que essa dinamização da ética delibera outras formulações conceituais que subsidiem articulações sociais, filosóficas, curatoriais, criativas, estéticas, críticas e políticas. Isso por delinear outro viés da justiça “como entidade mutante, contextual e provisória” (MOMBAÇA, 2021, p. 81). Tal qual é a presença de corpos sexo-gênero dissidentes sexuais nas geografias urbanas.

O forjamento da comunhão subjetiva de enunciação à vida que nos relaciona, requer que outras coreografias se implementem na interação entre corpos humanos e não humanos, a partir de parâmetros relacionais, afetivos e transitórios (viadoplantados).

Esse exercício, pensando estruturalmente sobre a revisitação de conceitos que são transmutados por uma contextualização emergente nos estudos de corpos LGBTQIAP+, substancialmente traçados por interesses anticoloniais e antirracistas, abarcando novas esferas perspectivistas, converge com o que Gilles Deleuze e Félix Guattari, na introdução do livro *O que é a filosofia?*, expõem dizendo a respeito de que “os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13). Portanto, adianto que as reformulações aqui forjadas, e em vias de uma exploração pedagógica, não pretendem a entrada em projetos de funcionamento que dado conceito generalista institui,

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantados: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

mas deseja-se, parafraseando Castiel Vitorino Brasileiro (2021), uma disputa imagética e narrativo-intelectual sobre a intimidade que corpos sexo-gênero dissidentes desenvolvem ao interagirem com *a vida das plantas* (COCCIA, 2018), expectando, com isso, novas formulações lógicas, éticas e ecológicas.

Por conseguinte, trago também reutilizações conceituais do que podemos entender da razão, fomentando o que se agencia na tese de corpos *viadoplantas* na urbanidade sob outras esferas de participação, uma vez que forjar outros modos de ocupação das cidades, a partir das dissidências sexuais e desobediências de gênero, requer o alinhamento disso a reformulações conceituais imbricadas nas dinâmicas sociais dos corpos previstos aqui, logo que, a remodelação de um conceito restitui a presença da bixa nas ruas, pois redistribui, simbolicamente que seja, discursividades que concretamente subsidiam opressões sistêmicas.

Diante disso, é fundamental trazer à reflexão uma perspectiva acerca da razão remodelada por Paco Vidarte (2019), proposição esta em que podemos recriar, esgarçar e experimentar o espaço (epistêmico) para falarmos e invocarmos saberes mais contextuais, restituindo o ambiente urbano como um âmbito político atravessado não somente pelos projetos lógicos do 'homem de bem', mas da *viadoplanta* também.

Segundo filósofo espanhol:

[...] a razão é patriarcal, também é heterossexual, heterossexista, homofóbica e nos amordaça quando queremos usá-la porque foi inventada para nos calar e nos massacrar. Cuidado com a razão! É preciso colocá-la em curto-circuito, se algo for sisudo e racional demais, provavelmente será heterossexista e homofóbico. [...]. Nunca nos exterminaram nem nos perseguiram gratuitamente, por esporte, sempre houve razões por trás, crenças, religiões, motivos muito decentes e busca do bem (VIDARTE, 2019, p. 120).

Quando Vidarte traça aspectos acerca de outro escopo ético e racional, dando a estes a oportunidade de serem compreendidos por outros orifícios para produzir outros discursos e conhecimentos, ele possibilita também que outras narrativas estéticas, epistemológicas e criativas sejam mobilizadas. Desse lugar que se traça o impulso crítico-filosófico a respeito do corpo bixa nas paisagens urbanas, como que num movimento também pedagógico, que alicerça a relação criadora da *viadoplanta*.

Essa última proposição conceitual de Paco Vidarte, portanto, realiza-se como um dos principais segmentos de forjamento dos estudos ecológicos de gênero e sexualidade aqui, porque vincula-se essencialmente ao *sistema radicular* das plantas, que mais à frente explana-se por meio do botânico italiano Stefano Mancuso (2019). Diante disso, confluem-se à percepção de que a compreensão menos sisuda e patriarcal da razão recepiona e potencializa, desse modo, saberes ecológicos que a presente pesquisa promove ao traçar a presença das plantas como uma imanência à vida do corpo sexo-gênero dissidente na urbanidade. Propõe-se, com isso, como ferramenta epistemológica, uma inventividade atrelada à razão quando esta se transmuta, ao ser reencenada através de contornos mais contextuais e eticamente estabelecidos, dito de outro modo, do cu da bixa vegetando saberes. Devanear pedagogicamente é um exercício que precisamos mobilizar como um paradigma tanto ético quanto racional, concreto, emergente, logo que convertidos (ou desviados) através compreensões mais justas às nossas vivências nas dinâmicas sociais vigentes.

A importância dessa diferenciação de termos (que não é só de termos), *apesar*⁸ da violência que se atualiza num *design* massacrante, nos possibilita outras movimentações políticas internas, principalmente de visualização de nossos corpos e da escolha de quais outras vidas podemos nos ater para comunicar saberes perspectivados pela nossa carnadura.

Viadoplanta

No discorrer desse entrelace de conceitos, termos e perspectivas, traço uma articulação com as plantas e as bixas nas paisagens urbanas criando, assim, ambiente para a fabulação conceitual do que chamo de *viadoplanta*. Ao propor tal conceito busco refutar, *a priori*, compreensões de uma intersecção entre (nós) corpos LGBTQIAP+ e as plantas, isso pois, interessa-me mais o viés político que nos entrecorta do que articular ideias que coloquem corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero e a vida vegetal como diferentes. Para tanto, ao refletir sobre os desenvolvimentos geográficos vigentes, parto do pressuposto de que os desenhos urbanos que são criados pelo sistema patriarcal e capitalista não visam esboços-bixas, tampouco esboços-plantas. Logo, a partilha dessa zona de roubo ético-estético-espacial nos concerne às plantas de modo potencialmente relacional. Não que isso defenda uma homogeneidade como esfera de contato; trata-se, essencialmente, de cancelar agenciamentos de velocidade e lentidão, repouso e movimento, para falar com Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012), que referenciam o que tutela a existência de uma condição de *viadoplanta*.

Em segundo plano, a escolha das palavras *viado* e *planta* é um modo de estabelecer cuidados generalistas acerca de quais dissidências se reúnem nesse movimento crítico-filosófico. Não que haja uma sobreposição de quais corpos aliam-se às plantas de modo elementar; trata-se, dito em outras palavras, de se propor uma perspectiva ecológica que potencialize a disputa pelos agenciamentos vivos da cidade, mas que não se calcem no *recentramento* (MOMBAÇA, 2020), em vista de uma generalização minoritária. Por instantes, o presente texto assume a escolha de falar a partir e através de corpos LGBTQIAP+, ou também de dissidências sexuais e desobediências de gênero, como método de traçar ativações políticas à *interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2019) que recorta esses demarcadores sociais em suas especificidades. O viado, como também o uso do

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

termo *bixa*, apresenta-se como viés discursivo e criativo de uma proposta conceitual que não se interessa em falar por todas as minorias sexuais, mas inquietar saberes éticos que nos reposicionemos frente à realidade política, urbana e epistemológica de opressão na qual estamos inseridos/as.

No lugar de pressupor uma aliança entre corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero com as plantas, pretendo mais um *causamento*, para falar com uma perspectiva que Dodi Leal (2021b), no filme *Tenho receio de teorias que não dançam*⁹, aborda acerca de relações que se interferem não por meio de um programa cristã-cishétero-patriarcal de união, mas sim que se entretecem uma na outra pelo que causam sob aspectos de tensão, tesão e trocas afetivas.

Dito em outras palavras, expõe-se que a mobilização de rumos epistemológicos realizados pela *viadoplanta*, suas fabulações, independentes do nível de literalidade ou abstração dos saberes que se tecem nesse ato, assumem uma disputa coletiva, mas não homogeneizante, de redistribuição dos estados corpóreos na urbanidade. Isso tutela-se na busca política de recriação dos espaços – sejam esses da praça de uma cidade ou da página do computador. Não se trata, contudo, de dizer que uma construção de conhecimento dissidente contemple a complexidade de todos os corpos LGBTQIAP+ em ambientes públicos, no entanto, se há uma escrita que irrompa as mazelas hegemônicas de um poder heterocisnornativo, muda-se de modo também efetivo a organização de uma cidade não pensada para corpos que se desviam das normas de gênero e sexualidade.

Com isso, o forjamento de uma fantasia legitimada (*viadoplanta*), isto é, uma criação epistemológica do *viado* que se acresce às raízes da *planta*, uma vez que mutualmente se informam e se reformam na condição de rastreamentos internos, podem promover nos espaços, públicos e privados, a instauração de canais de transmutação em vista de outras compreensões de corpo, discurso, saberes e dinâmicas políticas.

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

A proposição da *viadoplanta* como um paradigma teórico, também crítico-filosófico, alia-se a um movimento consequentemente político e prático frente ao binômio humano-urbano, e substancialmente anticolonial da epistemologia, visto que abre espaço a proposições mobilizadoras de horizontes perspectivados pela criação discursiva, e contextualizada, que se opõe absolutamente ao que o projeto colonial pretendeu a corpos não hegemônicos (KILOMBA, 2019).

A visualização de um programa vegetal corpóreo, que se engendra sistematicamente pela ramificação, também mobiliza avanços estéticos que desencadeiam articulações conceituais. Isso pois, levando em consideração a condição política das plantas nas paisagens urbanas, e num contraponto a relação das bixas nestes mesmos espaços, concebe-se esse *causamento* (DODI, 2021b) pelas vias da razão transmutada, isto é, ressoando além das estruturas hegemônicas. Desenha-se, portanto, as linhas de intenção capazes de formular a *viadoplanta* como um espectro político de uma bixa vegetal, de uma planta viada, pois nessa relação forjam-se caminhos de proximidade às ordenações sociais normativas, neste caso, das geografias urbanas.

Ao propor o estudo de um outro modo relacional do viado e as plantas nas plasticidades urbanas, chego no conceito de *viadoplanta* como meio de não só poder refutar acepções demasiado humanísticas (do ponto de vista biológico) de sobreposição de um corpo ao outro quanto a essa atribuição (viado-planta), mas também cunhar um viés que discurse com base numa condição mais horizontal, coextensiva, contemplada no que Castiel Vitorino Brasileiro, no livro *Quando o sol não mais brilhar* (2021), disserta por uma *intimidade interespecífica*, sendo esta uma condição que não ocorre pelo estado de um corpo sobre o outro, contudo, por meio da zona de relação espacial (e afetiva) que os atravessa, isto é, a vida terrestre (BRASILEIRO, 2021).

Em vista disso, reflete-se que partindo de uma ética contextualizada e de uma razão que não subsiste os âmbitos de manutenção heterocentrada do poder, chega-se na receptividade outrificada da paisagem urbana que, dessa vez, não supõe corpos transeuntes por si mesmos, mas corpos baleados¹⁰ subsistindo nas plasticidades urbanísticas. Para tanto, é importante abarcarmos alguns desdobramentos conceituais referentes aos estudos ecológicos que a *viadoplant*a mobiliza ao refletir a relação com a cidade e seus programas de exclusão. Logo, por que não conceber uma pesquisa que promova investigações não somente a respeito do que ainda se mantém de dispositivos de opressão e coerção aos corpos sexo-gênero dissidentes, mas que possa também redimensionar as *bixas* e as *plantas* fabulando outras vias acerca das paisagens urbanas?

A humanidade sob o crivo do uso do cu

Estudando o botânico italiano Stefano Mancuso, a partir da obra *Revolução das Plantas* (2019), chego no que o autor explana por um *sistema radicular* como sendo uma espécie de funcionamento cerebral das plantas, no qual elas operam por meio de uma arquitetura modular, isentas de centros de comando (MANCUSO, 2019), isto é, por condições de uma ramificação mais fugaz e ampla do que como ocorre no corpo de uma programação *humana*. Essa perspectiva botânica atravessa linhas primordiais do presente trabalho, sobretudo concernentes à ética, à razão e a aspectos críticos de leitura de uma humanidade colonial, eurocêntrica e capitalista. Leva-se em consideração, substancialmente, que tal sistema vegetal implanta outro viés corpóreo, muito mais tracejado por uma comunicação transitória e coletiva, fazendo jus a coletividades que não se regem ao binômio humano-urbano hegemônico.

Por conseguinte, Emanuele Coccia ao explanar sobre a não humanidade das plantas, desenha um pensamento que essencialmente contribui para que também, trazendo ao contexto do presente artigo, possamos redimensionar a não humanidade do viado perante o

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplant**s: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

mundo do homem-humano-de-bem, ou, como cita Dodi Leal (2020), diante da *necapolítica*¹¹. O filósofo italiano, então, expõe: “o não humano é a causa da multiplicidade das formas de vida, não apenas no espaço, mas também no tempo e na história” (COCCIA, 2018, p. 65). Diante disso, usa-se dessa perspectiva relacional frente ao discurso colonial e patriarcal do que não é humano para inferir-se à *viadoplanta*, que, menos do que perder por não ser lida como *humana*, mobiliza, contudo, a capacidade de multiplicidade (existencial) das nossas (bixas-plantas) experiências corpóreas.

Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), aborda noções da humanidade vigente a partir do que ele chama de *abstração civilizatória* (KRENAK, 2019), que não só nos distancia do organismo que é a terra, como também, segundo o autor, “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo o mundo” (KRENAK, 2019, p. 23). Diante disso, considera-se que a destituição da humanidade é um projeto de suma articulação, e que está implicada, inexoravelmente, nos processos de uma construção programática das geografias urbanas.

Trata-se de um repertório político que se cria diante de uma afeição predatória do *humano* (biológico), em detrimento do contato relacional com a terra, isto é, com a marginalidade animal (bixa-planta-viado-travesti-sapatão), estando esta por sua vez, animada por outros modos de entendermos corpo, ou seja, muito mais compreendida pelos territórios, cores, etnias, saberes e sabores que podem dados corpos quando subsistidos por realidades contextuais.

A discussão política de humanidade, muito fomentada, inclusive, pelo campo da antropologia pós-estrutural, tem sido revisitada também por teóricos e teóricas como Jota Mombaça (2021), Ailton Krenak (2019), Judith Butler (2018) etc., para conceber leituras mais críticas acerca da universalização dessa lógica biológica do humano, veementemente calcada no

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

interesse de preconizar corpos historicamente alicerçados pelo colonialismo e pelo capitalismo predatório em detrimento de corpos negros, corpos trans, corpos viados, plantas e demais existências à margem das diretrizes branco-patriarcais. Parafraseando o filósofo Fernando Haddad, citado pelo neurocientista Sidarta Ribeiro na obra *Sonho Manifesto* (2022), a compreensão normativa da espécie humana é a de que se trata de uma superespécie, do ponto de vista biológico, no entanto, composta por semiespécies, do ponto de vista político, econômico, racial, étnico, cultural, sexual e de gênero.

Diante disso, vale ponderar que existe, no âmbito de um imaginário social, sob o qual estão arraigados os discursos que fazem da vida de uma bixa uma vida que faz *uso* do seu cu, uma espécie de estado de alerta sobre o que fazemos com nossos corpos, que reflete de modo considerável na forma com que somos apreendidos/as pelas formatações sociais de nomeação, ou de exclusão. Isso, dito de outro modo, desenha-se por meio do que mais à frente retorna a partir dos autores Javiés Saez e Sejo Carrascosa (2016) a respeito dos movimentos políticos, concretos e simbólicos, envoltos (e dentro do) no cu da bixa. Propõe-se, portanto, essa atribuição (do cu) nas vias dos questionamentos que se fazem a respeito do espaço urbano e suas coerções, por compreender ele também como espaço que excede e gera outras necessidades de paisagens epistemológicas, pois forjador de esferas crítico-filosóficas fundamentais à busca por outra relação ético-estética nas cidades, mobilizando assim outras tensões e tesões de criação.

Se nas cidades toda esquina pode representar perigo à vida da bixa, no corpo dela toda dobra é o forjamento do reto.

Virginie Despentes (2020), no prefácio do livro *Um Apartamento em Urano*, de Paul B. Preciado, se questiona por que os *movimentos liberticidas* se interessam tanto em saber o que fazemos em nossas camas. Essa inquietação do dito 'homem de bem' não só implica na maneira como meu corpo bixa assume um assento no ônibus, mas também no modo

com que me relacionarei com as paisagens urbanas pelas quais transitar. Isso porque o olhar que oprime tanto torna abjeto meu corpo como também o destitui de uma dada humanidade que me promoveria direitos segundo, tal como, o dito Código 05 da Constituição¹².

Como já citado anteriormente, para os autores de *Pelo Cu: políticas anais* (2016), o cu é um órgão privatizado, um dispositivo que classifica a humanidade de uma pessoa. Esse cu perseguido, imaculado, desejado nos interstícios de um segredo quase que contrabandista do homem-de-bem, não está desassociado do modo com que nosso corpo recepciona, contempla e compõe as paisagens urbanas, sobretudo porque “o cu é um espaço político. É um lugar onde se articula discursos, práticas, vigilâncias, olhares, explorações, proibições, escárnios, ódios, assassinatos, enfermidades” (SÁEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 73).

Diante disso, ao refletir que corpos LGBTQIAP+ possuem uma relação outra com a noção de humanidade, principalmente levando em consideração que o cu desses corpos é um órgão que delimita quão humano é ou não dada existência dissidente sexual e desobediente de gênero, visto que em mais de 80 países a homossexualidade é sinônimo de prisão, e em mais de 8 é pena de morte (SÁEZ; CARRASCOSA, 2016), articulo que as plantas e as bixas, enquanto seres não humanos (sob a ótica branco-eurocêntrica-humanística e normativo-colonial), sobretudo bixas pretas, partilham o que Judith Butler (2018), no livro *Corpos em aliança e a política das ruas*, denomina por uma *exposição diferencial*, como sendo o atravessamento das políticas de transitoriedade e mortalidade, exemplos da autora, em que percebemos as zonas de manutenção do escopo lógico-patriarcal de quais corpos podem seguramente transitar por espaços públicos e serem lidos como corpos vivos, e, num contraponto, os corpos que “não o podem” devido às tecnologias de uma exposição sistematicamente seletiva que, assumindo riscos tautológicos, concerne-se à exposição diferencial (BUTLER, 2018).

Falo com o cu aqui no intuito deste ser um dos campos de defesa do presente artigo, tanto para realizar por meio dessa esfera anatômica (e por que não também catalisadora de discursos políticos e sociais?) exercícios filosóficos e criativos de conhecimento, isto é, uma zona de reflexão e fabulação epistêmica, como também pela coreografia irruptiva que existe em vincular desejos epistemológicos aos discursos imbuídos especialmente no cu de uma bixa, afinal, “não é o mesmo que o poder entende do cu de uma bicha e o que uma bicha entende do seu cu” (VIDARTE *apud* SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 154). Pensando como Jota Mombaça (2016), seria o exercício de buscar uma paisagem-do-cu (*memória do cu*), que tanto nos habita quanto está por ser criada.

Vale salientar que a possibilidade do forjamento de discursos do cu da bixa já é uma restituição dos modos de operação aos nossos estados corpóreos nos espaços urbanos, logo que, a partir do que supõem sobre um corpo e seu uso do cu, desdobramentos concretos e simbólicos far-se-ão por conseguinte, pois violências se fundam nas normativas leituras do que pode ou não o cu, por meio de ficções de um saber moral e conservador que tenta constantemente a higienização da nossa potência em tecer outras diagramações de saberes dos/nos nossos corpos.

O desfalque que sobre nossos corpos recai não é só epistemológico, ou seja, não precisamos “apenas” “inventar novas metodologias de produção de conhecimento e uma nova imaginação política” (PRECIADO, 2020, p. 46), mas também recriar os discursos acerca da visualização e habitação das cidades, traçando esse exercício através e a partir das zonas em que minorias sexuais, atravessadas por esse roubo ético-imagético, possam conceber outras linhas fugitivas, utilizando-se de nossas experiências, ou, em outras palavras, da nossa *realidade vitimada* segundo o livro *Empoderamento*, para com isso construirmos ferramentas de luta (BERTH, 2020).

Quando aqui busco trazer a reflexão das diferenciações conceituais presentes nos termos como ética, razão e humanidade (e por que não também do cu?), não desejo uma mera visualização dessas atribuições, tampouco trata-se de promover movimentos de entrada nessas construções conceituais pensadas para a manutenção da exclusão em suas muitas esferas concretas e simbólicas de convívio social. Não pretendo nenhuma negociação em vista de fazer parte de, como não desejo a construção de um ensejo discursivo que resolva esta questão, logo que, como cita Mombaça (2021, p. 83) no livro *Não vão nos matar agora*, isso aqui é “apenas uma (das muitas) maneira(s) de lidar com o problema sem neutralizá-lo”. O que me interessa, inclusive com o desejo em abarcar “o nascimento de novas propostas éticas” (VIDARTE, 2019, p. 102) na urbanidade é o forjamento estético-filosófico disso nos âmbitos da criação e da pedagogia mobilizadas pelas *viadoplantas*. Busca-se, portanto, refletir acerca das paisagens e pensar a vida das plantas nesses espaços, não para cabermos melhor, mas para que possamos encenar de forma política, poética, realista e delirada nossos movimentos pelas geografias urbanas.

A pedagogia da performance no cultivo de viadoplantas

Proponho, por conseguinte, estudos da performance como um dos caminhos cênicos para se compreender as inclinações de criação artística e pedagógica da presente pesquisa. Não pensando a performance para trivialmente comunicar o que vier a ocorrer nas investigações práticas dos corpos no meio urbano, mas para estabelecer esse viés cênico como uma das vertentes de potência das fabulações corpóreas devindo o espaço geográfico das cidades.

A performance neste estudo ocorre primeiramente pelo viés de mutabilidade desta *linguagem gerativa* (COEN, 2013), que propõe uma força ativa para a criação e uma relação de ocupação “mais horizontal, descentralizada e em constante mudança” (PEÑA-GOMEZ, 2013, p. 457), sobretudo pela sua capacidade de “atravessar e pôr abaixo ilusões acerca da aprendizagem como algo isolado, linear, cumulativa [...]” (PINEAU, 2010, p. 104).

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

A performance, enquanto uma linguagem cênica mobilizadora de conflitos de análise, quando se referindo a ela através de um interesse classificatório, possibilita às intenções de produção filosófica e estética um campo de maior inventividade e experimentação do que pode ser um estudo forjado nesse segmento artístico. A dinâmica que a isso se atribui, de forma desmembrada e disforme, contempla o projeto pedagógico que aqui interessa-me ao propor a *viadoplanta* perscrutando realidades na urbanidade para, concomitantemente a isso, cultivar estudos ecológicos de gênero e sexualidade, isto é, criar explorações cênicas por meio de estudos do corpo da bixa na cena (política) da cidade. Para isso, a performance se apresenta de modo implacável, logo que,

Suas próprias indefinibilidade e complexidade são, a meu ver, tranquilizadoras. “Performance” traz consigo a possibilidade do desafio, até mesmo do autodesafio [...]. O problema da intraduzibilidade [da performance], da forma como vejo, é na verdade positivo [...] (TAYLOR, 2013, p. 16).

A capacidade de geração criativa da performance, sua relação com a exploração do experimento, faz jus aos desejos aqui trazidos acerca da restituição da relação viado-planta-paisagem, por isso proponho uma busca pedagógica como alicerce de experimentação e estudo. Esse entrecruzamento de linguagens subsidia-se na perspectiva de Pineau (2010), ao que a autora se refere por uma pedagogia da performance.

O ensino, segundo estudos de Elyse Lamm Pineau, atrelou-se à performance no começo dos anos 1980. A suplantação de aspectos meramente técnicos e *bancários*¹³, para falar com um viés freireiano, encontra nesse segmento cênico a potência de um reenquadramento educacional:

Com isso, a performance reenquadra todo o empreendimento educacional como um conjunto mutável e contínuo de narradores, histórias e performances, mais do que a simples e linear acumulação de competências disciplinares específicas e isoladas. [...] A poética da performance educacional salienta as dimensões estéticas do ensinar e do aprender [...] (PINEAU, 2010, p. 97-98).

Vale ressaltar que o interesse por trazer essa intersecção pedagogia-performance, aqui, não se realiza com a finalidade de ensinar corpos a estarem nas paisagens, tampouco de promover dispositivos de ocupação das paisagens urbanas que melhor encaminhem estudos da cena – artística, pedagógica, filosófica. Trata-se, em suma, de abarcar o que Elyse Lamm chama de *processo dialético*¹⁴, que seria a experimentação e a interpretação, menos do que uma metodologia da mera atuação (PINEAU, 2010). Para tanto, penso na encenação performativa do corpo às paisagens percebendo nisso maior capacidade disruptiva do *jogo* (cênico, pedagógico, filosófico, criativo) como relação de existência e movimentação da *viadoplanta*. Isso, então, possibilita que a performance, atrelada a pedagogia de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, execute melhor seu viés de “rigorosa e sistemática exploração-por-meio-da-encenação de experiências humanas reais e possíveis” (PINEAU, 2010, p. 103).

Em *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire cita que “é fundamental, contudo, partirmos de que o homem [a viadoplanta], ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo” (FREIRE, 1967, p. 39, grifo meu). Dentre seus dizeres prático-pedagógicos, a intenção de reconstrução do viés relacional entre corpo e mundo, enquanto entidades que coabitam espaços e tempos de intersecção e heterogeneidade, inclina-se à construção de saberes que imprimam potenciais capacidades para além das que estão autorizadas, presumidas e sendo *politicamente possíveis* (PRECIADO, 2020).

Ao pensar a política de corpos não hegemônicos e reinvenções na movimentação epistemológica, parece inconcebível, ou ao menos pouco indicado, que isso se deposite na mesma engrenagem da epistemologia propagada por um sistema que reitera o exclusivismo das relações de poder colonial, capitalista e neoliberal. Justamente porque há uma emergência de percepção das concepções mais ensaísticas, da experimentação como motor de produção dos saberes ecológicos, abarcando nesse processo o contato com materialidades

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

(e imateriais também) concernentes a uma construção pedagógica reavida por meio da performance, forjando-as, portanto, a partir do interessa em se pensar o meio urbano revisitado pelas óticas (do cu) da bixa.

Além disso, ao se interessar em mobilizar saberes ecológicos, com desejo de entrevê-los nos estudos de gênero e sexualidade, levando em consideração os aspectos trazidos na ética e na razão de Paco Vidarte (2019), pode-se compreender que pensar a pedagogia atrelada à performance, sobretudo promovendo esse exercício por meio de corpos sexo-gênero dissidentes, requer que outras compreensões ontológicas de discursos políticos se agucem.

Para intencionarmos rumos pedagógicos precisamos também levar em consideração quais são os movimentos de exploração e distribuição da episteme, refletir que aspecto de imanência se faz presente quando pensamos na mobilização de saberes, isto é, questionar como estes se produzem e se organizam na vida de determinados corpos e quais são, portanto, seus contextos políticos e sociais. Há nisso, então, o pressuposto de uma *inventividade* (lê-se também pedagogia) imbuída, promovida, aliás, pelas vivências dos corpos, tal como o de pessoas LGBTQIAP+, substancialmente buscando compreender as dinâmicas de convívio nos âmbitos familiar, social, escolar, afetivo, pessoal etc. É o que se desenvolverá adiante, com base na atribuição contextual de experiências da bixa que, inexoravelmente, sancionam diretrizes importantes na hora de pensar uma pedagogia-viadoplantada.

A ontologia da viadoplanta-pedagógica

De antemão, é fundamental salientar que a proposta de pensarmos acerca de uma fabulação pedagógica a partir da *viadoplanta*, isto é, através da presente reflexão que intenciona corpos sexo-gênero dissidentes e as plantas no meio urbano, não se foge do interesse primordial do estudo, ou seja, elaborações crítico-filosóficas, como também ético-estéticas.

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

Portanto, trata-se de ponderar que falar de pedagogia por meio da *viadoplanta* é reaver, concomitantemente a isso, as ocupações simbólicas e concretas nas urbanidades, logo que, como já dito anteriormente, o que um corpo socialmente oprimido traça no espaço da página reencenando saberes, assume diretrizes importantes dos modos com que tal corpo atuará no espaço público de uma cidade. Isso converge essencialmente com uma tecnologia de micropolítica que precisamos compreender e saber elaborar.

Ainda que por si a pedagogia já exerça um papel elementar nos caminhos de uma pesquisa, sobretudo quando esta situa-se sob vias de estudos que preconizam as bixas, ela potencializa-se quando atrelada a aspectos de uma realização notavelmente regida por um paradigma teórico que é, aliás, a própria prática (vida) dos corpos que a concernem. Dito de outro modo, os estudos pedagógicos forjados pela *viadoplanta* já se esboçam através de experiências atravessadas pelas dinâmicas coercitivas depositadas sobre pessoas sexo-gênero dissidentes.

Levar em consideração a inventividade da bixa no meio escolar, por exemplo, é perceber que alguns modos de encenações sociais são nossos espaços de maior reconhecimento estratégico, isto é, reconhece-se este espaço pois é por ele que criamos agenciamentos de convívio e manutenção de afetos e territórios – frágeis à verdade de um corpo bixa. Recobra-se aqui a ética de Vidarte (2019) referida anteriormente; esse princípio que se intercambiou para outras compreensões éticas, para além de uma genérica percepção, foi realizado pelas óticas da bixa reencenando seu corpo no âmbito moral, por meio de uma carnadura própria do corpo dissidente sexual e desobediente de gênero. Isso, portanto, esboça-se aqui através da ontologia da *viadoplanta-pedagógica*, que tanto alicerça-se aos entendimentos de vegetação da bixa (ou, dito de outro modo, entendimentos de produção

pedagógica da bixa por meio dos estudos ecológicos de gênero e sexualidade), quanto reorganiza nossos corpos como mobilizadores de saberes essencialmente vinculados às nossas afetações¹⁵ de corpo, desejo, tensão, tesão, cor, peso, dúvidas e devaneios.

A ontologia da *viadoplanta-pedagógica* nasce e desemboca no movimento de vida do corpo sexo-gênero dissidente. Por mais paradoxal que essa reflexão seja, trata-se de assumir exatamente essa síncope temporal.

Essa proposição conceitual que aqui se apresenta parte de uma construção de paradigma ético e sobretudo anticolonial, compreendendo que reitera a subversão da dialética capitalista de objeto-sujeito, para o fomento à recusa da centralidade epistemológica, como também ontológica, que alicerça a reprodução massiva (e heterossexual) das formatações de validação dos saberes. Por isso a escolha de forjar um outro aspecto ontológico da pedagogia e, por meio disso, instaurar uma *viadoplanta-pedagógica*, pois vê-se nisso uma propulsão política (e ecológica) que possibilita o rasgo da normatividade epistêmica que, por sua vez, pressupõe uma linearidade temporal, e de experiências (corpóreas, afetivas, lógicas etc.) calcadas na primazia ontológico-colonial.

Existe uma relação temporal que não acompanha a vida de uma bixa se ela for pensada pela linearidade de uma política héterocisnormativa de percepção, e fora das devidas atribuições contextuais, não levando, portanto, em consideração questões de gênero, sexualidade, cor e etnia ao pensar as experiências de um corpo. Essas são algumas das camadas de experiências de *crianças queers*¹⁶ que não tiveram quem *as defendessem*; violências arraigadas às óticas de (auto)estranhamentos e desejos de negociações – com “algo” que nos “salvaria”¹⁷.

Isso delinea-se ao que Dodi Leal (2021) no artigo “Fabulações travestis sobre o fim” denomina por uma tempografia fabular: “mais do que a santificação das horas, mais do que a beatificação dos momentos, e para além de uma hagiografia da memória, a tempografia fabular prospecta a experiência como um verdadeiro altar [...]” (LEAL, 2021 p. 6). A experiência, aliás, quando pensada como sendo algo que nos recorta, que nos acontece (LARROSA, 2019), redimensiona-se se esse liame do corte for trazido à carnadura da *viadoplanta*, nos propondo uma temporalidade que precisa ser cuidada de modo mais contextual, hesitante, transitório, e sobretudo potencialmente afetivo.

Esse movimento de recondução perceptiva, formador das condutas subjetivas e pedagógicas de uma *viadoplanta*, produz o que tenho entendido por uma carnadura diferente na nossa capacidade de pensar a construção de saberes, como também os formatos de os enunciar esteticamente e discursivamente perante os espaços públicos e privados. Não é à toa que Paco Vidarte (2019) expõe que a ética da bixa é uma ética carnal porque é pensada com o cu. Portanto, ao esboçar essa ontologia da *viadoplanta-pedagógica* como a elucidação e a defesa de que nossos corpos sempre estiveram em constante criação de si nos mundos sociais (meio escolar, familiar, religioso etc.), como um ato pedagógico em si mesmo, posso falar então de uma pedagogia carnal, criativa, mobilizadora de uma *inventividade gerativa* em potencial, pois nascida do cu da bixa.

Segundo Paco Vidarte:

O que está claro, sim, é que desde pequeninhos jogamos em duas frentes e habitamos o mundo de modo perverso e cindido, mais ou menos esquizofrênico, criando estratégias de socialização, sobrevivência, negociação, ocultamento, dissimulação [...] (VIDARTE, 2019, p. 57).

É dessa zona de habitação perversa e cindida que trago à tona a *inventividade gerativa* da bixa, pois trata-se de reformulações constantes do que podemos ou desejamos fazer-sentir-ser-dar-comer a depender de qual frente estamos atuando, que espaço social está nos

sendo imposto e quais suas demandas de ocultamento afetivo. Logo, a inventividade que aqui se extrai da *viadoplanta-pedagógica* é uma antítese da mera adaptação de corpos LGBTQIAP+ no convívio social. A mutabilidade estratégica que assume a *viadoplanta* nos espaços de coerção urbana realiza-se como paradigma relacional, tecido pela carnadura da ética, da razão e da criação viadoplantada.

Por conseguinte, vale trazer à reflexão alguns desdobramentos interpretativos que podem surgir ao pensarmos a *inventividade gerativa*, sendo esta forjada através da ontologia da *viadoplanta* no exercício pedagógico. Isso pois, inventividade não quer dizer a busca por uma mera adaptação por si mesma. Por essa razão que acima reflito e aqui considero fundamental reiterar que o intuito deste estudo não é o de perceber as mazelas de exclusão para, com isso, encontrar modos de, por exemplo, caber na ética generalista, na razão catalisadora de sisudas compreensões etc. Interessa-me mais a mobilização da compreensão (apreendida pela bixa) de uma *metafísica da mistura* (COCCIA, 2018), do que meramente novas reproduções das narrativas estreitas e ensimesmadas nos interesses de um poder héterocisnormativo.

Pensar acerca das plantas e corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, refletindo as paisagens urbanas e os desdobramentos práticos e simbólicos dessa imbricação ético-estética, requer que nessa explanação das compreensões da inventividade atrelemos a isso a adaptação por meio do que o autor de *A vida das plantas* (2018) disserta: “[...] a relação fundamental entre vida e mundo é muito mais complexa do que a que imaginamos através do conceito de adaptação” (COCCIA, 2018, p. 51). Quando o autor italiano traça esse ponto de vista é refletindo sobre a presença das plantas no mundo, o modo como o “estar-no-mundo significa necessariamente *fazer mundo*”¹⁸. Diante disso, dimensionam-se outras perspectivas sobre a adaptação como mero método de sobrevivência (da bixa e da planta), logo que, a partir do que traz o autor italiano, há compreensões corpóreas no mundo

(nas geografias urbanas, para referenciar este presente estudo) que implodem as operações sistemáticas que resumiriam uma vivência na simples capacidade de um corpo se adaptar ao que lhe interpela. Isto é:

Em vez de revelar como espaço de competição e da exclusão recíproca, o mundo se abre neles como espaço metafísico da forma mais radical da mistura, a que permite a coexistência do incompassível, um laboratório alquímico em que tudo parece poder mudar de natureza, passar do orgânico ao inorgânico e vice-versa (COCCIA, 2018, p. 51).

Evidentemente que essa ponderação do filósofo italiano abarca um estudo acerca das plantas, no entanto, ainda assim pode-se notar que essa noção de mundo que Coccia (2018) dimensiona, de forma potencialmente relacional, é também uma realidade de ambiente em que nós, corpos sexo-gênero dissidentes, também somos atravessados/as. Essa perspectiva se reagrupa à percepção de funcionamentos vegetais que podem ser compreendidos pelas *zonas de vizinhança* (DELEUZE; GUATTARI, 2012) para com corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero.

O que estou por argumentar é que quando Emanuele explana, através da vida das plantas, outras capacidades de habitação no mundo, sobretudo outros modos de vivências, para além das que se adaptam para manter-se ocorrendo, possibilita que pensemos na inventividade também como alicerce de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero. Corpos estes que não se adaptam, logo que se inventam nos meios sociais, e inventam-se porque a mera adaptação que pressupõe, por sua vez, um sistema que impõe e outro que recebe e conforma-se, não se sustenta à força irruptiva de existências que produzem saberes sob outras diagramações pedagógicas.

Propor, a partir disso, uma ontologia da *viadoplanta-pedagógica* por meio de articulações com a *inventividade gerativa da bixa*, correlativamente à tecnologia de adaptação estratégica das plantas, contribui com o entendimento de um projeto epistemológico imanente à

vida do corpo dissidente sexual e desobediente de gênero. Sobretudo quando pensando-o entretecido à vida vegetal, pois incita-se essa compreensão ontológica não para uma intromissão em dada realidade colonial e biológica da epistemologia hegemônica, mas que, para além disso, possamos coreografar de forma ética (carnal) a nossa realidade corpórea, material e imaterial, na produção pedagógica, criando vínculos potenciais de atuação nas urbanidades. Produz-se, assim, a possibilidade de desobstruirmos os espaços (da cidade, da sala de aula, da família, das praças públicas) apresentados como aspectos sistemáticos de normatividade, que visam neutralizar subjetividades e deflagrar a compreensão de que podemos ser terra, pedra, caroço, flor, e mais o que a condição de *viadoplanta* nos permitir.

A ontologia da *viadoplanta-pedagógica* deseja dinamizar a vivência de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero não só como um ato político, mas também mobilizador de uma pedagogia que nos expõe a realidade de saberes que precisam ser recuperados e instaurados sob novas interações criativas, através do acesso às ativações de outras potencialidades germinadas no âmbito da pesquisa (cênica, epistemológica, curatorial, crítica, filosófica, ecológica) propulsora de estudos ecológicos de gênero e sexualidade.

Considerações finais

Não viso, com as perspectivas aqui delineadas, elaborar um discurso que reforce práticas de uma preservação neoliberal do dito *meio-ambiente*¹⁹. O que me interessa atravessa o desejo por redimensionar politicamente a relação das bixas e as plantas, reagrupando-se em raízes de reocupação geográfica, por meio de uma construção crítico-teórica que alicerce os seguintes desenvolvimentos da proposta conceitual *viadoplanta*, desejando assim entrever nossa capacidade de delirar conceitos, conhecimentos e criações estéticas, visto que somos *viadoplantas-pedagógicas* ontologicamente.

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

O presente estudo, portanto, interessou-se em abarcar tanto construções poéticas da cena (pedagógica, artística, política, criativa, filosófica etc.) em espaços públicos (e nas instâncias privadas de intimidade da bixa), quanto nas recriações dos exercícios epistemológicos acerca da ambientação das minorias sexuais na mobilização de discursos crítico-teóricos. Essa pesquisa não se concerne, somente, ao poder de transitarmos, estarmos e criarmos imagens nos espaços públicos, mas sobretudo à potência do aspecto relacional imanente a esses desejos. Diante disso, trata-se de concebermos espaços criativos e críticos de saberes que se entrelaçarão às atuações corpóreas nas geografias urbanas. Ao propor reflexões acerca da ética, da razão, da humanidade, da planta, do viado etc., esboçam-se agenciamentos que inexoravelmente se circunscrevem no cu da bixa que transita nos espaços públicos, logo, confere-se aqui um circuito teórico que também é prático e emergente, porque afetivo, corpóreo.

Em suma, pessoas LGBTQIAP+ suportam, enquanto corpos que transitam por e com paisagens, mais do que um homem héterocisbrancoagropatriarcal suportaria caso sua passagem nas geografias urbanas fosse demarcada por coerções de uma sistemática tão nodosa como são as opressões sociais vigentes, e isso está imbuído na distribuição de como as geografias urbanas são programaticamente construídas para uns/umas, em detrimento de outros/as muitos/as que, por sua vez, nem por isso se eximem de buscar rumos e caminhadas (escriturais, corpóreas, estéticas, filosóficas) para a elaboração de outras ecologias do cultivo de saberes e, principalmente, da vida.

A rua que se apresenta mais perigosa à bixa, está correlacionada às noções generalizantes de termos e perspectivas que se propagam para nos comprimir em compreensões hegemônicas que não nos contemplam, porque arraigadas à manutenção predatória do poder, o que no entanto não nos excita, logo que, parafraseando Paul B. Preciado (2020), enquanto eles formulam poder, nos forjamos potência.

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARTIGO 5º da Constituição: definindo nossos direitos fundamentais. **Politize**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/artigo-5/artigo-5/>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- BALDIN, Rafael. **Sobre o conceito de paisagem geográfica**. Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 32, n. 47, p. 1-17, 2021.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a Política das Ruas**. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BRASILEIRO, Vitorino Castiel. **Quando o sol não mais brilhar: a falência da negritude**. Ilustrado por Waldomiro Mugrelise. São Paulo: n-1 edições; Editora Hedra, 2022
- CARVALHO, Renata. **Corpo: uma biografia**. [s.l.], 2021. Publicado pelo canal SESC Pompeia. 1 video (41 min.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_CGg0WCNOCM&t=5s. Acesso em 20 fev. 2023.
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**. Tradução Fernando Scheibe. Desterro (Florianópolis): Cultura e Barbárie, 2018.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 64. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio Eduardo Viveiro de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LEAL, Dodi. **Conversa com Dodi Leal (Perspectiva anos 20)**. [s.l.], 2020. Publicado pelo canal Comunica Escola de Arte Dramática EAD ECA USP. 1 vídeo (1h 47 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QbZl0pG1UAE&t=2716s>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LEAL, Dodi Tavares Borges. Fabulações travestis sobre o fim. **Conceição-Conception**, Campinas, v. 10. p. 1-19, 2021a.

LEAL, Dodi. **Tenho receio de teorias que não dançam**. [s.l.], 2021b. 1 vídeo (4 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdbfQmWJLoU&t=23s>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**. Tradução Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MBEMB, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. **Masp Afterall**, p. 1-12, 2020.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 17, v. 1, n. 28, p. 341-354, set. 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PENÃ-GOMEZ, Guillermo. Em defesa da Arte da Performance. In: DAWSEY, John C.; MULLER, Regina P.; HIKIJI, Rose Satiko G.; MONTEIRO, Marianna F. M. (org). **Antropologia e Performance**: Ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro nome, 2013. p. 441-465.

PINEAU, Elyse Limm. Nos cruzamentos entre performance e a pedagogia: uma revisão prospectiva. **Educação e Realidade**, v. 35, n. 2, p. 89-113, 2010.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Tradução Eliama Aguiar. Prefácio Virginie Despentes. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo Cu**: políticas anais. Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SIDARTA, Ribeiro. **Sonho Manifesto**: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TAYLOR, Diana. Traduzindo performance. In: DAWSEY, John C.; MULLER, Regina P.; HIKIJI, Rose Satiko G.; MONTEIRO, Marianna F. M. (org). **Antropologia e Performance**: Ensaios Napedra. São Paulo: Terceiro nome, 2013. p. 9-16.

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas**.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. Tradução por Maria Selenir Nunes dos Santos e Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019.

pós:

FARIAS, Saile Moura. **A vida de viadoplantas: a morte é de quem? Rumo a outras reedificações de corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero nas paisagens urbanas.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41766>>

29

NOTAS

1 Formado em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde atualmente cursa o Doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC).

2 Quando me refiro aqui às paisagens urbanas, estou trabalhando com a perspectiva de espaços da urbanidade, isto é, ônibus, praças, avenidas, terminais etc., logo, pretendo traçar reflexões a partir desses lugares nos quais corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero atuam socialmente, e podem exercer movimentos de reformulações filosóficas através de proposições estéticas e pedagógicas mobilizadas por meio das provocações fabuladas neste presente estudo. Busco, portanto, entretecer perspectivas e elaborar outras através da inquietação de que corpos LGBTQIAP+ e as plantas ocupam diferentemente as geografias das cidades, e por isso partilham intimidades que contribuem com a criação da *viadoplanta*.

3 Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, o autor Ailton Krenak (2019) aborda reflexões fundamentais para pensarmos nossa relação com o mundo, com a vida, sobretudo a vida da floresta, da Natureza. Para tanto, levanta críticas cruciais, dentre elas o que entendemos por “progresso”, enquanto um paradigma que se encaminha para a destruição do órgão vivo que é a terra (KRENAK, 2019).

4 O termo *bixa* se apresenta aqui como método de relação com a *Ética bixa* de Paco Vidarte (2019). Também parte do desejo de ponderar com possíveis generalizações concernentes ao uso demasiado da sigla LGBTQIAP+ neste presente trabalho, levando em consideração que há uma complexidade de corpos e demandas políticas presentes nessa reunião de demarcadores sociais na urbanidade, sobretudo a depender da cor e etnia desses corpos.

5 O termo *heccceidade* é apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *Mil Platôs v. 4*. Os autores utilizam desse viés conceitual como um dos modos de explanar acerca do *devenir*. Segundo eles, a heccceidade é: “[...] um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância”, trata-se de “uma relação de movimento e repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 49). Aqui não vislumbro, *a priori*, uma diferenciação que referencie aspectos de uma individuação por afetos, senão os afetos que partilham corpos LGBTQIAP+ e as plantas, enquanto seres minoritários numa esfera social de poderes coloniais e neoliberais. Faço essa pontuação para que não ocorra a confusão, ou o que Jota Mombaça (2020) chama de *recentramento*, de que a alteridade política com as plantas na urbanidade possa, deliberadamente, também ocorrer a partir de corpos heterocisnormativos, visto que não exercem modulações afetivas (existenciais) próximas a nós, corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero. O intuito é realmente falar através e a partir de minorias sexuais por meio de perspectivas ecológicas.

6 Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nEx6s7b4a9U&t=1834s>. Acesso em 28 jan. 2022.

7 Este termo, que será mais delineado à frente, surge em conversa com a professora e orientadora deste estudo, Dra. Dodi Tavares Borges Leal, em que tecemos reflexões que nos possibilitaram a chegada a esta visualização conceitual, entendendo nisso a capacidade de não mais pensarmos *corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero* como algo cindido de *corpos plantas*. O conceito de *viadoplanta*, portanto, defende a perspectiva de que entre estes últimos não é interessante a articulação de uma intersecção, pois não há como compreender um corpo LGBTQIAP+ sem pensá-lo também como um corpo vegetal, principalmente levando em consideração as dinâmicas das políticas vigentes nos espaços urbanos programados essencialmente pelo sistema heterocispatriarcal, industrial, capitalista e colonial. Vale pontuar que essa proposição do tal conceito não se realiza por meio um viés homogêneo dos corpos em relação. Deseja-se, então, explorar meios de uma sensibilidade relacional entre pessoas sexo-gênero dissidentes e as plantas, traçando como um recorte pedagógico falar da *bixa*, ou do viado, e a planta, mais especificamente. Aliás, a constante aparição da *bixa* durante os escritos confere-se a um processo de pesquisa e estudos dos modos de nomear e se autorreferir, cuidando, assim, com uma generalização imprópria a complexidade de vida que cada corpo sexo-gênero dissidente representa. Fala-se da *viadoplanta* como um projeto primeiramente pedagógico de mobilização do que podemos forjar frente as coerções normativas. Diante disso, o presente estudo não visa nenhuma resolução com a exploração desses termos, siglas e formas de nomeação, tampouco deseja contemplar cada corpo dissidente sexual e desobediente de gênero num parâmetro geral; interessa-se,

NOTAS

substancialmente, em tecer uma rede de proximidades e investigações pedagógicas que possam abarcar a bixa, a planta, o viado, a travesti, amalgamando-os no potencial das cosmovisões que podemos sugerir, mobilizar, dar corpo, plantar, colher, esgarçar, e sobretudo nomear sob aspectos de maior reconhecimento e inventividade.

8 “Toda beleza e todo respiro que existem vieram a ser apesar do Brasil. Então é para o apesar, para o terreno da força que contradiz toda brutalidade, que estas palavras fogem. Elas estão para a beleza, mesmo que para isso tenham de passar por campos em chamas” (MOMBAÇA, 2021, p. 17).

9 Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdbfQmWJLoU&t=81s>. Acesso em 8 ago. 2022.

10 Esse termo faz parte de uma crônica denominada *A bala*, apresentada por Paul B. Preciado no livro *Um apartamento em Urano*. Nesse trabalho o autor utiliza da bala, que mata corpos (sobretudo corpos pobres, pretos, LGBTQIAP+, indígenas, femininos, afeminados) através da perspectiva de um espectro material que se instaura nos corpos das crianças homossexuais, das crianças travestis, das crianças que entre elas, “há algumas de três, cinco, quem sabe só oito anos que já carregam uma bala ardendo no peito [...]”. E que sonham, como quando eu era criança, que fogem para um lugar no estrangeiro ou para um planeta distante, onde as crianças da bala podem viver. Agora falo a vocês, crianças da bala, e digo: a vida é maravilhosa [...]. Vocês não estão sós” (PRECIADO, 2016, p. 108).

11 Esse conceito é cunhado pela pesquisadora Dodi Leal na *live (Perspectivas anos 20) Conversa com Dodi Leal*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QbZl0pG1UAE&t=2716s>. Acesso em 8 ago. 2022. Essa perspectiva de Dodi, surge a partir do conceito de *necropolítica* do filósofo camaronês Achille Mbembe, mais especificamente no livro *Necropolítica* (2018), quando o autor nos inscreve uma política da morte sobre corpos oprimidos, sobretudo corpos negros e marginalizados, diante do que o autor chama de uma *ocupação colonial* (MBEMBE, 2018).

12 Fonte: <https://www.politize.com.br/artigo-5/artigo-5/>. Texto de Mário Prada e Pedro Parada Mesquita, publicado no ano de 2019.

13 Ver Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia* (2020).

14 Ao abordar aspectos metodológicos da pedagogia da performance, Elyse Lamm Pineau delinea o que chama de um processo dialético, em que visa suplantar a mera atuação cênica quando se pensa a presença da performance no campo pedagógico (PINEAU, 2010).

15 Essa perspectiva afetiva está posta no delineamento da ontologia da *viadoplanta-pedagógica* de modo crucialmente estratégico, sobretudo quando abarcamos a esse movimento de elucidação filosófica o que Félix Guattari, no livro *Caosmose*, expõe a respeito do afeto dizendo: “o afeto não é questão de representação, de discursividade, mas de existência” (GUATTARI, 2012, p. 108).

16 Faço menção aqui ao importantíssimo texto de Paul B. Preciado, intitulado *Quem defende a criança queer* (2019), presente no livro *Um apartamento em Urano*, quando o autor traça fundamentais críticas acerca dos discursos neoliberais de proteção à infância quando esta atrela-se a estudos de gênero e sexualidade, mascarando assim que o desejo de proteção não abarca a criança, de modo geral, mas uma forma exclusiva de criança que já é expectada como um corpo heterossexual e cisnormativo.

17 Sumamente explanando, me refiro às vivências que muitos/as de nós compartilhamos de já termos passado pela sustentação (ou a tentativa) de uma fé cristã que nos guiaria à ‘salvação’ de sermos quem somos, isto é, corpos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero. Isso, como uma das camadas subjetivas que nos concernem, dialoga estritamente com modulações ontopedagógicas que desenvolvemos de relação não só com esferas religiosas, mas também interpessoais, de espaço, de tempo, de si no mundo.

18 COCCIA, 2018, p. 43, grifo do autor.

19 Faço referência ao seguinte pensamento de Davi Kopenawa, no livro *A queda do céu*: “Quando falam da floresta, os brancos usam uma outra palavra: meio ambiente. Essa palavra não é uma das nossas e nós a desconhecíamos até pouco tempo atrás. Para nós, o que os brancos chamam assim é o que resta da terra e da floresta feridas por suas máquinas” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 484). Por uma lógica capitalista da urbanidade, realmente as plantas nas cidades representam o que restou da floresta comida pelas construções tuteladas pelo desenvolvimento econômico predatório, no entanto, os exercícios filosóficos, pedagógicos, críticos e artísticos aqui

NOTAS

delineados não intuem um discurso neoliberal de conservação, mas sobretudo a mobilização perceptiva de que nós, pessoas LGBTQIAP+, partilhamos mazelas de roubos e violências com a Natureza, enquanto corpos vivos e possuidores de dinâmicas outras. Em suma, esta pesquisa não abarca desejos por políticas que “repensem” o *meio ambiente*, mas sim que promovam interstícios no ambiente em que não somos, nós viadoplantas, importâncias no pensamento político das demandas econômicas e sociais, e nisso forjarmos projetos de uma restituição sistemática frente às coerções heteronormativas, eurocênicas, coloniais e neoliberais instauradas nas cidades.